https://doi.org/10.5007/2175-8026.2026.e110941

O PAPEL DA PSICOTIPOLOGIA NO ACESSO LEXICAL MULTILÍNGUE: EVIDÊNCIAS DE UMA TAREFA DE DECISÃO LEXICAL EM INGLÊS

Aline Behling Duarte[1]*
[1]Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, RS, Brasil

Bernardo Kolling Limberger[2]**
[2]Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

Isabella Ferreira Mozzillo[3]***
[3]Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

Resumo

Este estudo investigou o papel da psicotipologia (Kellerman, 1983) no acesso lexical multilíngue. Vinte participantes, falantes de português como língua materna, alemão e inglês como línguas estrangeiras, realizaram uma tarefa de decisão lexical. O objetivo era identificar em que medida a psicotipologia poderia estar associada à existência de efeito de facilitação cognata em inglês (Peeters; Dijkstra; Grainger, 2013; Szubko-Sitarek, 2011), em cognatos triplos (português-alemão-inglês) e cognatos duplos (português-inglês e alemão-inglês). Com a intenção de ocultar o verdadeiro propósito da tarefa, pediu-se aos participantes que julgassem a lexicalidade de itens apresentados como pertencentes à língua inglesa. A coleta de dados incluiu um questionário de histórico da linguagem (Scholl; Finger; Fontes, 2017), um questionário de psicotipologia e uma tarefa de decisão lexical. A análise estatística, feita com modelos lineares de efeitos fixos, evidenciou resultados significativos em relação à psicotipologia e

* Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2023), é Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão. E-mail: alineduarte@unipampa.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8502-1967.

**Doutor em Letras/Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2018), é Professor Adjunto da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre e líder do grupo de pesquisa Laboratório de Psicolinguística, Línguas Minoritárias e Multilinguismo (LAPLIMM). E-mail: bernardo.limberger@ufcspa.edu.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5504-2361.

***Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002), é Professora Titular do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas e líder do Grupo de pesquisa do CNPq Línguas em Contato. E-mail: isabellamozzillo@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8445-9174.

Esta obra tem licença *Creative Commons*
http://creativecommons.org/licenses/by/4.0

aos tempos de reação. Os achados sugerem que as percepções subjetivas de proximidade e distância entre línguas podem influenciar os mecanismos de ativação e coativação do léxico mental, corroborando a hipótese de acesso lexical não seletivo em multilíngues (Boudelaa, 2018; Moon; Jiang, 2011; Wang, 2020). Conclui-se que a psicotipologia, enquanto construção individual sobre o grau de similaridade entre línguas, parece afetar o processamento lexical, refletindo-se na rapidez e na precisão no reconhecimento de palavras. Os resultados reforçam a importância de se considerarem fatores subjetivos no estudo do multilinguismo, o que pode contribuir para uma compreensão mais ampla do funcionamento dinâmico do léxico em contextos multilíngues (Aronin; Jessner, 2015; De Bot, 2016).
Palavras-chave: Psicotipologia; Acesso Lexical; Multilinguismo; Inglês.

THE ROLE OF PSYCHOTYPOLOGY IN MULTILINGUAL LEXICAL ACCESS: EVIDENCE FROM A LEXICAL DECISION TASK IN ENGLISH

Abstract

This study investigated the role of psychotypology (Kellerman, 1983) in multilingual lexical access. Twenty participants, native speakers of Portuguese and foreign speakers of German and English, performed a lexical decision task. The aim was to identify the extent to which psychotypology could be associated with the existence of a cognate facilitation effect in English (Peeters; Dijkstra; Grainger, 2013; Szubko-Sitarek, 2011), in triple cognates (Portuguese-German-English) and double cognates (Portuguese-English and German-English). In order to conceal the true purpose of the task, participants were asked to judge the lexicality of items presented as belonging to the English language. Data collection included a language history questionnaire (Scholl; Finger; Fontes, 2017), a psychotypology questionnaire, and a lexical decision task. Statistical analysis, performed using linear fixed-effects models, showed significant results in relation to psychotypology and reaction times. The findings suggest that subjective perceptions of proximity and distance between languages can influence the mechanisms of activation and coactivation of the mental lexicon, corroborating the hypothesis of non-selective lexical access in multilinguals (Boudelaa, 2018; Moon; Jiang, 2011; Wang, 2020). It is concluded that psychotypology, as an individual construction of the degree of similarity between languages, seems to affect lexical processing, reflecting on the speed and accuracy of word recognition. The results reinforce the importance of considering subjective factors in the study of multilingualism, which can contribute to a broader understanding of the dynamic functioning of the lexicon in multilingual contexts (Aronin; Jessner, 2015; De Bot, 2016).
Keywords: Psychotypology; Lexical Access; Multilingualism; English.

Introdução

Sob a ótica da Psicolinguística, defende-se que compreender como o acesso lexical acontece pode despertar mudanças de atitude em relação às expectativas de aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) (Finger; Brentano; Fontes, 2018). Parte-se da perspectiva de que pesquisas sobre acesso lexical multilíngue são capazes de promover reflexões quanto às práticas de ensino de LE, como, por exemplo, considerar o repertório linguístico do aprendiz e o aproveitamento de possíveis correspondências interlinguísticas como recurso pedagógico (Ringbom, 2007). Ademais, valorizar o conhecimento multilíngue possibilita o afastamento da premissa de que o falante de LM é o padrão de excelência a ser almejado (Mauranen, 2012). Acredita-se, portanto, na necessidade do distanciamento do viés monolíngue como forma de valorizar o conhecimento linguístico dos aprendizes de LE (Festman, 2012; 2019). Neste trabalho, promoveu-se o protagonismo dos participantes ao não os comparar a um grupo controle formado por falantes de inglês como língua materna (LM). Esta decisão tem como respaldo o argumento apresentado por Festman (2012), segundo o qual analisar o fenômeno multilíngue por meio de uma abordagem monolíngue conduz a uma compreensão limitada e incompleta da sua complexidade. Adotar uma visão monolíngue de uso das línguas pode equivocadamente pressupor que multilíngues devem ter apenas uma língua dominante, enquanto as demais são relegadas a um papel secundário ou menos importante (Grosjean, 1985).

Tomando essas asserções como ponto de partida, o presente estudo, derivado de uma Tese de Doutorado, foi organizado tendo como proposição o fato de os humanos serem naturalmente condicionados a adquirirem mais de uma língua (Hammarberg, 2010). Logo, estão inevitavelmente sujeitos ao surgimento de influências translinguísticas, em inglês, *cross-linguistic influence* (CLI), as relações estabelecidas entre o conhecimento linguístico da língua em uso e das línguas não-alvo durante o evento comunicativo (Sharwood Smith; Kellerman, 1986). Diretamente atrelada às CLIs, tem-se a hipótese de acesso lexical não seletivo (Boudelaa, 2018; Moon; Jiang, 2011; Wang, 2020), corroborada neste estudo através do desenho experimental implementado na investigação. O experimento em questão é uma tarefa de decisão lexical (TDL), para a qual foram selecionados itens lexicais, em língua inglesa, que correspondessem a cognatos triplos português-alemão-inglês (PB-ALE-ING), duplos português-inglês (PB-ING) e alemão-inglês (ALE-ING) e não cognatos. Esses itens lexicais foram divididos nas condições de palavras e de pseudopalavras. A escolha metodológica de utilizar tanto o status lexical quanto o compartilhamento de características fonológicas, ortográficas e semânticas, deu-se em função do interesse em compreender o impacto da psicotipologia (Kellerman, 1983) no acesso lexical multilíngue.

A fim de investigar a influência das percepções de proximidade e de distância entre o português, o alemão e o inglês, vinte multilíngues participaram do estudo. Cada um dos voluntários respondeu ao questionário de histórico da linguagem (Scholl; Finger; Fontes, 2017), ao questionário de psicotipologia e realizou a TDL.

Todas as etapas da coleta de dados aconteceram de forma remota. No tocante à análise dos dados coletados, escolheu-se uma abordagem quali-quantitativa para alcançar uma melhor compreensão dos padrões de acesso lexical multilíngue relacionados à psicotipologia.

Nas próximas seções, apresenta-se o aporte teórico que embasou o desenvolvimento do estudo. Inicialmente, discute-se o fenômeno multilíngue com ênfase no distanciamento do viés monolíngue. O segundo tema abordado contempla questões relativas ao acesso lexical, em particular no que diz respeito à TDL. A psicotipologia é tratada na seção subsequente. As escolhas metodológicas – perfil dos participantes, instrumentos de coleta, procedimentos de coleta – também são detalhadas. Ainda, descrevem-se e discutem-se os resultados observados. Encerra-se o artigo com as conclusões.

1 Multilinguismo

Neste trabalho, multilinguismo é considerado como a "capacidade de utilizar três ou mais línguas, separadamente ou em vários graus de mistura de código" (McArthur, 1992, p. 673, tradução nossa). O repertório linguístico de um falante é usado "para diferentes fins, com a competência em cada língua, variando de acordo com fatores como registro, ocupação e educação" (McArthur, 1992, p. 673, tradução nossa). Essa concepção está diretamente atrelada à visão holística de que um "bilíngue [e multilíngue] não é a soma de dois [três] monolíngues completos ou incompletos" (Grosjean, 1985, p. 471, tradução nossa, em colchetes inclusão nossa). Usuários de múltiplas línguas precisam ser estudados como falantes cuja configuração linguística é única e específica. Ainda que o multilíngue tenha um sistema linguístico diferente do monolíngue, seu sistema linguístico é completo (Grosjean, 1985). À vista disso, multilíngues devem ser compreendidos como falantes competentes perante as situações de comunicação com as quais se deparam. O uso das línguas pode ocorrer de maneira separada ou combinada, em diferentes domínios, com diferentes propósitos e com diferentes interlocutores, sejam esses monolíngues ou bilíngues/multilíngues (Grosjean, 1985). Ademais, de acordo com as visões apresentadas por Grosjean (1985) e Festman (2012, 2019), a teoria da multicompetência multilíngue (Cook, 2012, 2016) busca se distanciar do viés monolíngue, por entender que essa abordagem é fundamentalmente comparativista e limitadora. Segundo Cook (2016), comparar monolíngues a bilíngues/multilíngues não é profícuo, posto que suas naturezas revelam características particulares (Aronin; Jessner, 2015).

Correlato ao pensamento proposto por Grosjean (1985), Kachru (1994) ressalta ser necessário reavaliar as referências adotadas nas pesquisas em aquisição de línguas para que o bilinguismo/multilinguismo possa ser promovido a um papel de protagonista. Segundo a linguista, a máxima do falante de LM ideal ainda é largamente utilizada no campo da aquisição de LE. Essa premissa estabelece a falantes de LM como aquele que faz parte de uma comunidade de fala completamente homogênea e estável, que conhece sua língua perfeitamente,

visto que seu desempenho não é afetado por aspectos provenientes de outras línguas de seu repertório. A autora é incisiva ao salientar que inadequadamente a competência linguística de "qualquer falante de LM" (p. 796, tradução nossa) é tratada como um corpus legítimo perante os aprendizes da língua-alvo. May (2014) complementa essa crítica ao destacar que o parâmetro de monolíngue ideal utilizado nos estudos de L2/L3 ignora a maciça presença de bilíngues/multilíngues em todos os domínios da sociedade e/ou os rotula como falantes incompetentes.

Kachru (1994) afirma que uma das principais falhas encontradas na literatura da área é a concepção de que "a aquisição de uma segunda língua ou língua adicional significa ser capaz de usá-la da mesma maneira que um falante monolíngue" (p. 797, tradução nossa). Esse equívoco está intrinsecamente ligado à teoria proposta por Bloomfield (1933). Segundo o estruturalista, o bilinguismo/multilinguismo era manifestado em "casos em que essa aprendizagem perfeita de uma LE não é acompanhada pela perda da LM" (p. 55-56, tradução nossa), resultando no controle do tipo LM em todas as línguas. Neste estudo, advoga-se a favor de uma abordagem dinâmica do multilinguismo (Aronin; Jessner, 2015; De Bot, 2016), na qual não se aplica o viés monolíngue, mas o entendimento de que o repertório linguístico multilíngue deve ser compreendido como uma vantagem, em que os conceitos de língua, de aprendiz e de aquisição são centrados nas práticas sociais, de modo a refutar o monolinguismo como referência de pureza e o multilinguismo como sinônimo de déficit (Ortega, 2014).

Nas últimas décadas, a crescente popularidade do multilinguismo acarretou o desenvolvimento de pesquisas acerca das CLI. Conforme salienta Cenoz (2001), o estudo das CLI contribui para que seja possível verificar em quais contextos e condições falantes tendem a transferir mais elementos de uma (ou de mais de uma) língua(s) para outra. Sabe-se que vários fatores (Bardel; Lindqvist, 2007; Orcasitas-Vicandi, 2019) podem determinar a ocorrência das CLI como, por exemplo, a recência de uso, o status da LE, a idade dos falantes, a proficiência, a tipologia linguística e a psicotipologia. Dentre as possibilidades de investigação psicolinguística do fenômeno multilíngue, o acesso lexical beneficiou-se de avanços tecnológicos como, por exemplo, a mensuração mais precisa dos tempos de reação. Esses aprimoramentos de métodos de coleta e análise oportunizaram a investigação de aspectos relacionados ao léxico mental de multilíngues. Na próxima seção, discute-se o ato de recuperar palavras armazenadas no léxico mental, o chamado acesso lexical.

2 Acesso lexical

Segundo Field (2004) e Taft (2013), estudos que tratam do acesso lexical buscam compreender a habilidade de recuperar palavras conforme o surgimento de demandas comunicativas, surjam essas através de estímulos ortográficos ou acústicos. Assim, com o anseio por estabelecer um entendimento sobre a ativação do repertório bilíngue/multilíngue, propuseram-se duas hipóteses para o acesso

lexical, uma seletiva e outra não seletiva (Altenberg; Cairns, 1983). Na vertente seletiva, acredita-se na possibilidade de que somente a língua em uso seja ativada, sugerindo que o falante possa impor sua vontade quanto à utilização de seu sistema linguístico (Altenberg; Cairns, 1983). Na corrente não seletiva, entende-se que a interação entre as línguas é inevitável. Assim, mesmo que a proficiência nas línguas seja bastante díspar, em algum nível, todas as línguas estão coativadas durante o evento comunicativo (Wang, 2020). Nesta análise, corrobora-se a noção de que o acesso lexical é não seletivo, implicando a ocorrência de CLI provenientes de diferentes direcionalidades, podendo abarcar mais de uma LM, bem como mais de uma LE.

Sendo a Psicolinguística um campo de estudos empíricos, os paradigmas experimentais empregados nas investigações têm como propósito central identificar o comportamento dos participantes quando apresentados a estímulos em uma ou mais línguas. Comumente, utilizam-se itens lexicais que compartilham traços semânticos, fonológicos e/ou sintáticos para que o tempo de reação (TR), ao incutir uma resposta, seja registrado e, posteriormente, analisado. Conforme enfatiza Festman (2019), alguns dos métodos mais frequentes incluem o paradigma de *priming* (Blank; Llama, 2016), a nomeação de imagens (Dirani; Pylkänen, 2023) e a decisão lexical (Bölte, 2001; Meyer; Schvaneveldt, 1971). No contexto desta pesquisa, optou-se por aplicar uma tarefa de decisão lexical (TDL), na qual foram combinados estímulos cognatos e não cognatos, a partir da apresentação de palavras e pseudopalavras em língua inglesa.

2.1 Tarefa de decisão lexical (TDL)

Em uma TDL, os participantes são instruídos a responder o mais rapidamente, e da forma mais precisa possível, se o estímulo visualizado na tela do computador corresponde a uma palavra. Durante a execução da tarefa, utilizam-se duas teclas, designadas como 'sim' e 'não'. Libben (2008) destaca que o objetivo dessa tarefa, aparentemente simples, é verificar se a combinação de letras apresentada foi ativada na mente do participante e se o tempo necessário para pressionar uma das teclas reflete a acessibilidade na mente do voluntário de pesquisa.

No que tange ao reconhecimento de palavras e de pseudopalavras, evidencia-se que sua identificação não acontece da mesma forma. Sabe-se que palavras são reconhecidas mais rapidamente e com maior precisão em comparação com palavras inventadas (Bölte, 2001; Diependaele; Brysbaert; Neri, 2012; Laurence *et al.*, 2018; Libben, 2008; Oganian *et al.*, 2016), devido à influência da familiaridade lexical e da representação léxica estabelecida no processamento das palavras. As pseudopalavras deste estudo foram intencionalmente criadas para que apresentassem semelhanças com as palavras da língua inglesa. Essa decisão foi feita visando aprimorar a sensibilidade aos efeitos cognatos. A natureza identificável das pseudopalavras pode, potencialmente, amplificar o impacto da similaridade entre línguas, tornando mais fácil detectar e mensurar o efeito cognato em participantes multilíngues (Laurence *et al.*, 2018; New *et al.*, 2023).

Embora a maioria das pesquisas se concentre em indivíduos bilíngues, estudos recentes vêm explorando o efeito cognato em falantes multilíngues. Investigar como palavras que compartilham tantas semelhanças influenciam o processamento da linguagem em contextos multilíngues é importante para compreender como múltiplas línguas são interconectadas e acessadas. Cognatos são itens lexicais que têm origem em uma mesma palavra ancestral (Fourrier; Montariol, 2022, p. 97). Em virtude desse parentesco, características fonológicas, ortográficas e semânticas são compartilhadas entre palavras de línguas distintas (Proctor; Mo, 2009, p. 126). Conforme salientam Peeters, Dijkstra e Grainger (2013), essa sobreposição de propriedades linguísticas acarreta um processamento diferente em relação a palavras que não compartilham os mesmos traços fonológicos, ortográficos e semânticos. Essa diferença no processamento de palavras cognatas e não cognatas pode resultar em um efeito chamado de facilitação cognata.

A facilitação cognata é largamente observada em estudos psicolinguísticos e tem sido amplamente documentada na literatura científica. Segundo Szubko-Sitarek (2011), palavras cognatas têm sido um aspecto central nas investigações que buscam compreender se o acesso lexical bilíngue/multilíngue é seletivo em apenas uma língua, ou seja, se apenas palavras na língua-alvo são ativadas. Nesse caso, o processamento de cognatos não deveria diferir do processamento de palavras não cognatas. Diferenças no processamento dos cognatos, mensuradas em milissegundos (ms), e palavras controle (não cognatas) oferecem uma outra interpretação quanto à seletividade das línguas. Essas diferenças nos TR indicam um acesso não seletivo, em que as línguas não utilizadas no contexto comunicativo também são ativadas. A maioria dos estudos disponíveis observa um processamento mais rápido e preciso de cognatos em relação às palavras de controle correspondentes (Peeters; Dijkstra; Grainger, 2013).

Na próxima seção, explora-se a influência da psicotipologia no acesso lexical multilíngue, destacando os indícios de que a percepção de proximidade e de distância entre línguas pode, em algum nível, afetar o acesso lexical multilíngue a partir de uma TDL.

3 Psicotipologia

A concepção de que os aprendizes não necessariamente observam as proximidades e as distâncias entre as línguas de maneira objetiva passou a receber atenção a partir das asserções formuladas por Kellerman (1983). Segundo o linguista, existem duas formas de registrar o afastamento ou a aproximação das línguas, objetivamente ou subjetivamente. A tipologia linguístic*a* – a forma objetiva – está alicerçada em estudos comparativos desenvolvidos no século XIX. A tipologia linguística, segundo explica Faraco (2006), é um entendimento objetivo das semelhanças e diferenças entre as línguas. Esse entendimento está alicerçado em estudos comparativos desenvolvidos no século XIX, desenvolvidos por estudiosos como, por exemplo, William Jones, Jacob Grimm, Friedrich

Schlegel e Franz Bopp (Faraco, 2006). Desse modo, a tipologia linguística é considerada constante, visto que não existem brechas para que mudanças sejam feitas, dadas as minuciosas análises feitas pelos comparatistas.

Kellerman (1977, 1979, 1983) chamou a forma subjetiva de perceber as relações entre línguas de psicotipologia. Apesar de ter nomeado o fenômeno apenas em 1983, trabalhos anteriores do autor discutiam a importância das percepções dos aprendizes quanto às distâncias e às proximidades entre línguas. Em 1977, o pesquisador enfatizou que "erros de interferência não são evidências de hábitos persistentes da língua materna, mas esforços do aluno para superar um déficit de conhecimento" (p. 71, tradução nossa). Segundo o autor, "se o aprendiz acredita que **sabe** produzir a forma apropriada da língua-alvo, mas na verdade não consegue fazê-lo. Nesse caso, o aprendiz não é ignorante aos seus próprios olhos, mesmo que seu conhecimento da língua-alvo seja deficiente" (Kellerman, 1977, p. 75, tradução nossa, destaque no original). Ecke (2014) complementa essa posição ao afirmar que "a percepção psicotipológica do aprendiz frequentemente, *mas nem sempre*, coincidirá com a relação tipológica e histórica entre línguas descrita por linguistas" (Ecke, 2014, p. 147, tradução nossa, grifo nosso).

Kellerman (1983) defende que a proximidade psicotipológica holística (ou geral) entre L1 e L2 é capitalizada pelos aprendizes como resultado da imediata oportunidade consciente de identificar formas e estruturas cognatas em ambas as línguas. Como um subproduto natural dessa conveniência, os falantes fazem associações que podem ou não ser condizentes com a tipologia linguística. Desse modo, a psicotipologia pode afetar positivamente ou negativamente a natureza de seus discernimentos quanto à dificuldade relativa de aprender uma nova LE, tendo como base uma determinada L1. O estudioso reforça essa ideia ao ressaltar que o desenvolvimento da psicotipologia é inevitavelmente nutrido pelo progresso das habilidades metacognitivas, a consciência metalinguística. Diferentemente da visão objetiva das relações entre as línguas, as percepções dos aprendizes não são estáticas. Ao passo que a sofisticação metalinguística aflora, as crenças em relação às línguas mudam. Uma condição crucial para essa mudança está vinculada aos níveis de proficiência. À medida que a familiaridade dos aprendizes com a língua-alvo aumenta, a psicotipologia passa a convergir com a tipologia linguística. Esse processo está diretamente relacionado ao desenvolvimento da consciência metacognitiva, impulsionado pelo avanço do nível de proficiência na língua-alvo. Nesse sentido, a psicotipologia passa a se aproximar da tipologia, fazendo com que os indivíduos compreendam a real classificação das línguas de acordo com suas características fonológicas, morfológicas e sintáticas. Faz-se importante destacar que, além da percepção do tipo holístico proposta por Kellerman (1983), Ecke (2014) sugere a existência de similaridade psicotipológica de itens específicos. Segundo o autor, a percepção psicotipológica de itens específicos remete à noção de que certos aspectos linguísticos podem ser percebidos como próximos aos olhos dos aprendizes, mesmo que as línguas não sejam percebidas como semelhantes. Assim, de acordo com Ecke (2014), a percepção de similaridade

e itens específicos pode culminar no aparecimento de CLI tendo como base construções sintáticas e estruturas fonológicas, por exemplo.

Odlin (1989) atenta para um fato essencial quanto aos estudos da aquisição de terceira língua: "a gama de explicações possíveis para os erros é certamente maior em situações multilíngues do que em situações bilíngues" (Odlin, 1989, p. 141, tradução nossa). Logo, não se pode descartar que os julgamentos elaborados pelos aprendizes tenham algum papel quando se trata das CLI. Cabe destacar que, neste trabalho, entende-se o conceito de erro a partir da perspectiva de Cook (2016), isto é, evidências de um estado momentâneo do sistema linguístico do aprendiz. Segundo o autor, evidências apontam para a possibilidade de que os critérios objetivos sobre as distâncias entre línguas não sejam sempre eficazes para que se identifiquem as causas da transferência. A estimativa subjetiva percebida pelos aprendizes pode substituir a medida objetiva, uma vez que durante o processo de aprendizagem "a distância linguística está, no final das contas, nos olhos de quem vê" (Odlin, 1989, p. 142, tradução nossa). Nesses moldes, para Odlin (1989), é plausível conceber que a transferência ocorre em função do julgamento, consciente ou inconsciente, feito pelo aprendiz. Assim, estruturas que fazem parte de uma língua anteriormente aprendida podem ser entendidas como bastante semelhantes, ou até mesmo idênticas, às estruturas de uma língua-alvo (Odlin, 1989), mesmo que não exista qualquer correspondência entre as línguas. Ressalta-se que o termo transferência, utilizado por Odlin (1989), não corresponde à perspectiva defendida neste trabalho. Corrobora-se a visão de Sharwood Smith e Kellerman (1986), preferindo tratar as relações estabelecidas pelas línguas como influências translinguísticas (CLI).

No contexto desta investigação, corrobora-se o argumento de Odlin (1989), quando o linguista afirma que a exposição à língua-alvo faz com que os aprendizes descubram similaridades que supõem existir, o que os leva a criar uma "especulação fundamentada" (p. 144, tradução nossa) acerca das propriedades estruturais compartilhadas entre as línguas que conhecem. Desse modo, apesar das dificuldades em conduzir estudos em psicotipologia (escassez de voluntários, elaboração e aplicação de vários instrumentos de coleta, muito tempo destinado às coletas), esse fator não pode ser excluído como um dos aspectos que levam à ocorrência de CLI. Embora muitas investigações tenham sido (e venham sendo) desenvolvidas, ainda pouco se sabe sobre a relação da psicotipologia e do fenômeno multilíngue. A próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos adotados para investigar o papel da psicotipologia no acesso lexical multilíngue.

4 Método

Nesta seção, detalham-se aspectos como o perfil dos participantes de pesquisa, o desenho experimental utilizado, os procedimentos de coleta e análise dos dados. Quanto aos aspectos éticos, ressalta-se que os instrumentos e os procedimentos de coleta elencados no artigo receberam aprovação do

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pelotas, CAAE 66049422.0.0000.5317, parecer 5.825.418.

4.1 Perfil dos participantes

Participaram do estudo vinte falantes de português como LM, alemão e inglês como LE, cujas proficiências nas LE foram consideradas não equilibradas. Estabeleceram-se como critérios de seleção as seguintes características: a) ter o português brasileiro como única LM; b) estar disposto a comprovar proficiência nas LE; c) estar disposto a participar de todas as etapas da coleta de dados; d) ler e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e) não possuir algum transtorno de aprendizagem como, por exemplo, dislexia ou autismo; f) não apresentar problemas oftalmológicos ou auditivos não corrigidos; g) não declarar transtornos neurológicos ou psiquiátricos.

Observa-se que a média de idade dos multilíngues foi de 29.72 anos (DP = 6.53). Os dois participantes mais jovens tinham 20 anos e os três mais velhos tinham 39 anos. Também, pode-se verificar que a maior parte dos voluntários era do gênero feminino, sendo 15 mulheres e 5 homens. Faz-se importante destacar que todos os participantes apresentavam visão normal ou visão corrigida, bem como acuidade auditiva ou audição corrigida. Não foram reportados casos de dificuldade diagnosticada de linguagem ou de aprendizagem. As informações quanto ao histórico de linguagem asseveram que o português brasileiro era a única LM dos participantes.

Além de coletar informações concernentes à faixa etária e ao gênero, solicitou-se que os participantes respondessem a um questionário de histórico da linguagem (Scholl; Finger; Fontes, 2017). No que se refere ao modo em que as habilidades linguísticas em LE foram desenvolvidas, verificou-se que os multilíngues transitaram por diversos contextos de uso, o que levou ao aprimoramento de suas competências comunicativas. Na Tabela 1, têm-se as informações referentes aos contextos de aprendizagem.

Tabela 1 – Aprendizagem das LE

	Alemão		Inglês	
Contexto de aprendizagem	Quantidade	Percentual	Quantidade	Percentual
Cursos de línguas	12	57%	16	76%
Escola/universidade	9	43%	10	47%
Sozinho	7	33%	11	52%
Informal	7	33%	7	33%
Outros	5	24%	3	14%

Fonte: Elaboração própria

Em ambas as LE, os participantes apontaram certas semelhanças nos ambientes de aprendizagem, em especial, nos contextos escola/universidade e informal. Notou-se predominância de cursos de língua inglesa (76%) em comparação à língua alemã (57%). Observou-se maior empenho em estudos autodidatas no inglês (52%) quando comparado ao alemão (33%). Outras formas de contato com as LE (usar aplicativo, assistir a filmes/séries, por exemplo) mostraram-se similares. No tocante à proficiência autoavaliada, a Tabela 2 ilustra as médias dos dados obtidos junto aos multilíngues.

Tabela 2 – Proficiência autoavaliada nas LE

Habilidade	Alemão	Inglês
Leitura (DP)	3.5 (1.6)	5.1 (1.1)
Escrita (DP)	3.1 (1.5)	4.5 (1.3)
Fala (DP)	3.2 (1.6)	5.1 (1.1)
Escuta (DP)	3.3 (1.7)	4.8 (1.3)

Fonte: Elaboração própria. Legenda: DP = desvio padrão

A comparação entre a proficiência autoavaliada nas LE revela diferenças em todas as habilidades linguísticas. Cabe salientar que a proficiência em cada habilidade foi avaliada por meio da indicação de notas que variavam de 1 a 6, sendo 1 a mais baixa e 6 a mais alta. No que diz respeito à leitura, os participantes demonstraram uma proficiência média de 5.1 em inglês, enquanto em alemão a média foi consideravelmente menor, atingindo 3.5. Similarmente, na escrita, os resultados em inglês foram superiores, com uma média de 4.5, em comparação com 3.1 em alemão. Quanto à habilidade de escutar, os participantes também relataram maior proficiência em inglês, com uma média de 5.1, em contraste com 3.2 em alemão. Por fim, na fala, a diferença entre as duas línguas persiste, com uma média de 4.8 em inglês e 3.3 em alemão. Esses resultados sugerem uma tendência consistente de uma autoavaliação mais positiva de proficiência em inglês em comparação com o alemão entre os participantes.

Com base nas informações fornecidas, observa-se que os multilíngues avaliaram suas proficiências em língua inglesa como sendo superior à língua alemã, mesmo que tenham, de alguma forma, transitado por contextos de aprendizagem semelhantes. Abstrai-se que o domínio linguístico no inglês (língua testada através da TDL) foi considerado mais desenvolvido entre as LE. Na próxima seção, apresentam-se os instrumentos de coleta.

4.2 Instrumentos de coleta

Os instrumentos listados nas subseções que seguem estão divididos em abordagem qualitativa e quantitativa, formando uma abordagem mista de

pesquisa (Sampieri; Collado; Lucio, 2013). Defende-se que o emprego de modelos de coleta de realidade objetiva (quantitativo) e subjetiva (qualitativo) pode coexistir numa mesma pesquisa, de forma a oportunizar o surgimento de uma série de benefícios investigativos.

4.2.1 Questionário de psicotipologia

Nesta etapa da coleta de dados, solicitou-se que os participantes respondessem a um questionário de percepções de proximidade e de distância entre as línguas que compõem este estudo, português, inglês e alemão. O instrumento foi desenvolvido tendo como base pesquisas similares elaboradas por Hall *et al.* (2009), Lindqvist (2015) e Sánchez e Bardel (2016). Sua aplicação teve como finalidade aferir como os multilíngues observam as relações ortográficas, fônico-fonológicas e gramaticais que se estabelecem entre as línguas.

Nesse contexto, o questionário está organizado em sete seções. Na primeira parte do instrumento, estão dispostas perguntas relacionadas às três línguas de modo holístico, sem que sejam levados em consideração aspectos específicos do português, inglês e alemão. Na segunda parte, os participantes utilizam uma escala de percepção psicotipológica (EPP) para incutirem suas respostas quanto às semelhanças ortográficas entre os pares de línguas (PB-ING, PB-ALE e ALE-ING). Em seguida, abordam-se as diferenças quanto à ortografia das línguas. Nos segmentos quatro e cinco, respectivamente, buscou-se compreender as relações percebidas quanto às semelhanças e às diferenças de pronúncia nos pares de língua. As duas últimas seções tratam das similaridades e das diferenças em relação aos aspectos gramaticais. A EPP está organizada de maneira a levar os participantes a indicarem uma nota para determinar o quão próximos ou distantes os pareamentos de línguas são em cada categoria – ortografia, pronúncia e gramática. No Quadro 1, apresentam-se as diretrizes avaliativas adotadas no instrumento de medição de percepção.

Quadro 1 – Diretrizes avaliativas adotadas na EPP

	Percepção quanto à similaridade	**Percepção quanto à diferença**
Nota 1	Muito pouco similar	Muito pouco diferente
Nota 2	Pouco similar	Pouco diferente
Nota 3	Razoavelmente similar	Razoavelmente diferente
Nota 4	Similar	Diferente
Nota 5	Muito similar	Muito diferente

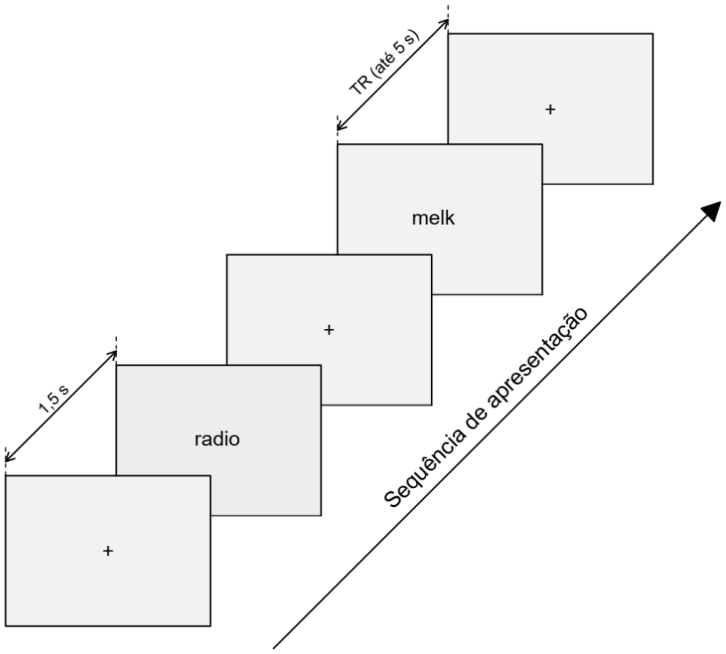
Fonte: Elaboração própria

Conforme ilustrado no Quadro 1, a EPP tinha uma variação de notas que iniciava em 1 e terminava em 5. Assim, a nota 1 designa "muito pouco similar" ou "muito pouco diferente". A nota 2 corresponde a "pouco similar" ou "pouco diferente", a nota 3 indica "razoavelmente similar" ou "razoavelmente diferente", a nota 4 representa "similar" ou "diferente", e a nota 5 reflete "muito similar" ou "muito diferente". A implementação da EPP teve como objetivo tornar possível atribuir valores numéricos às estimativas feitas pelos participantes, tornando possível analisar respostas subjetivas através de testes estatísticos.

4.2.2 Experimento: Tarefa de decisão lexical em inglês

A TDL delineada neste estudo consistiu em identificar se o estímulo apresentado era uma palavra ou uma pseudopalavra na língua inglesa. Faz-se importante destacar que o trabalho tinha como objetivo identificar o acesso lexical de estímulos da língua inglesa, de modo que não foram apresentados itens vocabulares em português ou em alemão. A Figura 1 ilustra o desenho experimental utilizado.

Figura 1 – Desenho experimental da Tarefa de decisão lexical



Fonte: Elaboração própria

A condução do experimento exigiu que os participantes utilizassem as teclas 'A' e 'L' como respostas. Enquanto 'A' denota 'não', 'L' representa 'sim'. A organização da tarefa compreendia 5 blocos, um treino e quatro testes. O treinamento foi incluído com o objetivo de familiarizar os multilíngues com a mecânica da atividade, com o propósito de deixá-los cientes de que a TDL era bastante simples e não havia necessidade de se sentirem nervosos ou agitados. Essa prática foi

constituída de 10 estímulos e pôde ser repetida, caso os participantes achassem conveniente. Os blocos de testagem totalizavam 72 estímulos cada, perfazendo 288 itens. Após a conclusão de cada fase da tarefa, os multilíngues tinham autonomia para iniciar um intervalo com a duração de sua preferência. As pausas tiveram como intuito promover o descanso dos participantes antes de darem continuidade à execução da TDL.

Conforme pode ser observado na Figura 1, no início de cada bloco, mostrava-se um ponto de fixação (+), que permanecia visível por 1.5 segundos no centro da tela. Em seguida, um estímulo alvo (cognatos) ou controle (não cognatos) era apresentado na mesma posição do ponto de fixação. Esse estímulo continuava na tela até que uma resposta fosse fornecida ou por até no máximo 5 segundos. Cabe destacar que a apresentação dos estímulos se deu de maneira aleatória para cada participante. A mesma dinâmica repetiu-se até o final da tarefa. Tanto os pontos de fixação quanto os estímulos foram apresentados no centro da tela, na fonte Arial, tamanho 18.

No segundo quadrado da imagem, tem-se um exemplo de estímulo. Sabidamente, "*radio*" é uma palavra existente na língua inglesa, mas também se trata de um vocábulo em português (rádio) e em alemão (*Radio*). Portanto, um cognato triplo entre as línguas. No contexto do experimento, esperava-se que os participantes respondessem com 'sim', de maneira a indicar que reconheciam o estímulo como uma palavra do inglês. No quarto quadro da imagem, lê-se "melk", uma pseudopalavra criada a partir de "*milk*" (leite, em português) que se caracteriza como um cognato duplo nas línguas inglesa e alemã (*Milch*). Nesse caso, esperava-se que a resposta dos participantes fosse 'não', já que mesmo não violando os padrões fonológicos e ortográficos da língua inglesa, "melk" não é uma palavra real.

O processo de seleção dos estímulos abrangeu seis critérios: 1) frequência de uso, em log10; 2) extensão dos estímulos, de 3 a 8 letras; 3) classificação gramatical, substantivos; 4) similaridade ortográfica, igual ou superior a 0.60 na escala de Levenshtein; 5) número de vizinhos ortográficos correspondentes; e 6) não polissemia, a não inclusão de palavras com múltiplos sentidos. O processo de compilação de palavras cognatas e não cognatas foi realizado a partir dos corpora Léxico do Português Brasileiro (2023) e *Corpus of Contemporary American English* (Davies, 2008), para as línguas portuguesa e inglesa. Os itens lexicais do alemão foram selecionados a partir dos materiais do Instituto Goethe e da editora Hueber, dada a dificuldade em acessar repositórios que não impusessem o pagamento de taxas para seu uso. Para a elaboração das pseudopalavras se utilizou a ferramenta *online* UniPseudo (New *et al.*, 2023). A próxima seção é dedicada à descrição dos resultados.

5 Apresentação dos resultados

O intuito do questionário de psicotipologia foi encorajar os participantes a refletirem sobre dimensões holísticas (Kellerman, 1983) e específicas (Ecke, 2014)

em referência aos três possíveis pareamentos entre as línguas, PB-ING, PB-ALE e ALE-ING. No tocante às indagações holísticas, a maior parte dos participantes indicou perceber o par de línguas ALE-ING como o mais similar, totalizando 17 votos. Os pares PB-ING e PB-ALE computaram números menos expressivos, respectivamente, 2 e 1 votos. Ainda, o pareamento PB-ALE foi considerado por 17 participantes como o que apresenta mais diferenças, os pares PB-ING e ALE-ING também receberam votos, 2 e 1, nesta ordem. Ao serem questionados sobre qual das LE é mais facilmente aprendida por falantes de língua portuguesa como LM, 18 multilíngues indicaram ser o inglês. A Tabela 3 ilustra os resultados observados no que tange às percepções específicas.

Tabela 3 – Percepção psicotipológica dos multilíngues. Escala: 1 a 5.

Médias e desvios padrão das pontuações atribuídas pelos participantes						
	Ortografia		Fonologia		Gramática	
	Similar	Diferente	Similar	Diferente	Similar	Diferente
PB-ING	2.4 (0.7)	3.4 (0.8)	1.7 (0.7)	3.7 (0.9)	2.4 (0.6)	3.1 (0.8)
PB-ALE	1.8 (0.6)	3.3 (1.3)	1.9 (0.8)	3.7 (1.2)	1.9 (0.8)	3.9 (1.0)
ALE-ING	3.5 (0.6)	2.7 (0.8)	2.3 (0.8)	3.4 (0.8)	3.0 (0.9)	3.1 (1.1)

Fonte: Elaboração própria. Legenda: Em parênteses, o desvio padrão.

As médias das percepções psicotipológicas, elencadas na Tabela 3, foram quantificadas mediante a aplicação da escala de percepção psicotipológica (EPP), cuja gradação de notas variava de 1 a 5. A utilização da EPP oferece um panorama de como os participantes concebem as relações de proximidade e de distância entre as línguas que fazem parte do estudo. No domínio ortográfico, averiguou-se que os multilíngues estimam o pareamento ALE-ING como mais similar, pois registraram 3.5 (0.6) pontos na EPP. Em contrapartida, o par PB-ALE é observado como o mais diferente em termos de escrita, com média de 3.6 (1.3) pontos. No contexto da pronúncia, igualmente, observa-se que o par de línguas germânicas foi considerado como o mais próximo, totalizando média de 2.3 (0.8) pontos, enquanto PB-ALE são tidos como mais diferentes, computando 3.7 (1.2) pontos. A dinâmica observada na categoria gramática, também evidencia que o par ALE-ING foi considerado mais semelhante, contabilizando média de 3.0 (0.9) pontos. O pareamento PB-ALE, por outro lado, foi tido como o mais distante em termos gramaticais, constatando a média de 3.9 (1.0) pontos. Convém ressaltar que o par PB-ING aparece na segunda posição como mais similar nas categorias ortografia e gramática, tendo alcançado as médias 2.4 (0.7) e 2.4 (0.6), respectivamente. No quesito percepção das similaridades da pronúncia entre as línguas, o pareamento PB-ALE atingiu a segunda posição, de modo a documentar média de 1.9 (0.8) pontos.

Além de verificar o entendimento dos multilíngues quanto à percepção específica, a utilização da EPP também se deu a fim de transformar a opinião subjetiva dos participantes, em dados numéricos que pudessem ser analisados estatisticamente em relação aos tempos de reação (TR) medidos na tarefa de decisão lexical (TDL). A análise estatística foi feita através da aplicação de modelos lineares de efeitos fixos (MLEF). Cabe destacar que foram observadas as similaridades (SIM) e as diferenças (DIF) nos quesitos ortografia (ORTO), pronúncia (PRO) e gramática (GRA), nos três pareamentos de línguas, PB-ING, PB-ALE e ALE-ING. Na Tabela 4, ilustra-se como a percepção psicotipológica do pareamento PB-ING afetou os TR dos participantes.

Tabela 4 – MLEF 1: TR em função da psicotipologia PB-ING

Preditores	Estimativa	Erro padrão	Valor de t	Valor de p
(intercepto)	1.314086	0.071305	18.429	< .001*
SIM_ORTO_PB_ING	0.003796	0.007994	0.475	> .05
DIF_ORTO_PB_ING	0.008233	0.007480	1.101	> .05
SIM_PRO_PB_ING	- 0.071197	0.008966	- 7.941	< .001*
DIF_PRO_PB_ING	- 0.058993	0.006467	- 9.122	< .001*
SIM_GRA_PB_ING	- 0.044485	0.009863	- 4.510	< .001*
DIF_GRA_PB_ING	- 0.043978	0.006650	- 6.613	< .001*

Fonte: Elaboração própria. Legenda: SIM = similaridade; DIF = diferença; ORTO = ortografia; PRO = pronúncia; GRA = gramática.

O MLEF 1, apresentado na Tabela 4, buscou verificar a relação entre TR e psicotipologia PB-ING. Estabeleceu-se a variável TR como dependente, enquanto as similaridades e as diferenças entre ortografia, pronúncia e gramática foram tidas como variáveis independentes, os efeitos fixos. Com base na interpretação do modelo como um todo, verifica-se que $t(2681) = 18.43$ e $p < .001$, o que torna o resultado do teste significativo, ainda que apresente uma proporção baixa de variância, em que R^2 múltiplo = 0.06, R^2 ajustado = 0.054 e $f(6, 2681) = 26.76$. No tocante aos efeitos fixos, nota-se que as percepções de similaridade e de diferença ortográfica no pareamento PB-ING não são estatisticamente significativas, $p = 0.35$ e $p = 0.271$, respectivamente. Em contrapartida, as similaridades e as diferenças nos quesitos pronúncia e gramática indicaram valor de $p < .001$, o que as torna estatisticamente significativas. A Tabela 5 trata do TR como variável dependente e da psicotipologia PB-ALE como efeitos fixos.

Tabela 5 – MLEF 2: TR em função da psicotipologia PB-ALE

Preditores	Estimativa	Erro padrão	Valor de *t*	Valor de *p*
(intercepto)	0.827420	0.039214	21.100	< .001*
SIM_ORTO_PB_ALE	0.103105	0.011926	8.646	< .001*
DIF_ORTO_PB_ALE	- 0.024321	0.005322	- 4.569	< .001*
SIM_PRO_PB_ALE	0.005707	0.007286	0.783	> .05
DIF_PRO_PB_ALE	- 0.015717	0.006575	- 2.390	.0169*
SIM_GRA_PB_ALE	- 0.008145	0.009560	- 0.852	> .05
DIF_GRA_PB_ALE	- 0.028291	0.009392	- 3.012	.00262*

Fonte: Elaboração própria. Legenda: SIM = similaridade; DIF = diferença; ORTO = ortografia; PRO = pronúncia; GRA = gramática.

A Tabela 5 destaca o MLEF 2, que aborda a relação estabelecida entre TR e percepções psicotipológicas. Nesse modelo, tem-se como efeitos fixos a psicotipologia no pareamento PB-ALE. Neste contexto, nota-se que $t(2681) = 21.10$ e $p < .001$, fazendo com que o modelo possa ser considerado significativo, ainda que a proporção de variância seja baixa, em que R^2 múltiplo = 0.083, R^2 ajustado = 0.081 e $f(6.\ 2681) = 40.7$. Quanto às variáveis independentes, percebe-se que as percepções de similaridade na pronúncia PB-ALE e de similaridade na gramática PB-ALE não se mostraram estatisticamente significativas, tendo ambas registrado valor de $p > .05$. Os demais quesitos indicaram ser estatisticamente significativos. A Tabela 6 trata do TR como variável dependente e da psicotipologia ALE-ING como efeitos fixos.

Tabela 6 – MLEF 3: TR em função da psicotipologia ALE-ING

Preditores	Estimativa	Erro padrão	Valor de t	Valor de p
(intercepto)	1.0952742	0.0507865	21.566	< .001*
SIM_ORTO_ALE_ING	- 0.0265688	0.0098899	- 2.686	.0072*
DIF_ORTO_ALE_ING	0.0408778	0.0078461	5.210	< .001*
SIM_PRO_ALE_ING	- 0.0008965	0.0067903	- 0.132	> 0.05
DIF_PRO_ALE_ING	0.0065044	0.0080717	0.806	> 0.05
SIM_GRA_ALE_ING	- 0.0602966	0.0071769	- 8.412	< .001*
DIF_GRA_ALE_ING	- 0.0619741	0.0059391	- 10.435	< .001*

Fonte: Elaboração própria. Legenda: SIM = similaridade; DIF = diferença; ORTO = ortografia; PRO = pronúncia; GRA = gramática.

Conforme ilustra a Tabela 6, o MLEF 3 contempla a interação entre TR e psicotipologia ALE-ING. Tendo como referência o cruzamento de dados entre os TR e a percepção psicotipológica, nota-se que $t(2681) = -10.43$ e $p < .001$, conferindo significância estatística ao modelo. Entretanto, cabe apontar que a proporção de variância do modelo deve ser considerada como baixa, dados os valores de R^2 múltiplo = 0.0652, R^2 ajustado = 0.0631 e $f(6.2681) = 31.17$. Acerca dos efeitos fixos, constata-se que tanto a similaridade quanto a diferença na pronúncia do pareamento indicam não ser estatisticamente significativas, dado que o valor de p observado foi > .05. As categorias ortografia e gramática, no que se refere à proximidade e à distância, perfizeram valor de $p < .05$, de maneira a indicar significância estatística. Em linhas gerais, a análise estatística dos MLEF 1, MLEF 2 e MLEF 3, desenvolvidos para examinar os TR em relação à psicotipologia, revelou proporção de variância baixa.

Na próxima seção deste artigo, tem-se como foco discutir os resultados averiguados.

6 Discussão dos resultados

Neste estudo, verificou-se que cognatos PB-ALE-ING foram identificados mais rapidamente do que suas contrapartes não cognatas, com resultados significativos ($p = .0014$) que corroboram estudos de Szubko-Sitarek (2011), Cenoz (2001) e Peeters, Dijkstra e Grainger (2013). Esses autores argumentam que o efeito de facilitação cognata observado é um indicativo da interconexão do repertório linguístico multilíngue. Entende-se que o resultado obtido está diretamente atrelado à perspectiva de que o *input* de uma língua é capaz de coativar informações presentes no repertório linguístico de um falante, sugerindo um acesso lexical não seletivo (Boudelaa, 2018; Moon; Jiang, 2012; Wang, 2020). No que tange às palavras e às pseudopalavras, pode-se afirmar que os resultados aferidos ($p = .01382$) são consistentes com pesquisas conduzidas por Bölte (2001), Libben (2008), Diependaele, Brysbaert e Neri (2012), Oganian *et al.* (2016) e Laurence *et al.* (2018). Atestou-se que o processamento de palavras e de pseudopalavras por multilíngues PB-ALE-ING não diverge dos achados amplamente observados na Psicolinguística. Esse resultado pode ser atribuído ao fato de que as pseudopalavras representam um desafio maior para os participantes. Assim, por serem desprovidas de significado, exigem um processamento mais demorado, culminando em maiores TR.

Tendo em vista o conjunto de evidências apresentadas, acredita-se que os resultados ratificam a perspectiva de que o repertório linguístico multilíngue é interconectado e dinâmico (Aronin; Jessner, 2015; De Bot, 2016). Assim, ainda que apenas uma das línguas do repertório foi testada, observa-se a coativação das demais, característica inerente ao processamento linguístico não monolíngue. Defende-se, então, que os multilíngues fazem uso de seus repertórios como recursos comunicativos, fazendo com que as fronteiras linguísticas não sejam fixas, mas borradas pelas interações estabelecidas entre os repertórios (Cenoz,

2001; Grosjean, 1985). Nesse sentido, usar o viés monolíngue como ponto de partida para analisar o desempenho de multilíngues revela-se inadequado, sendo limitadora e até mesmo prejudicial aos multilíngues (Festman, 2019).

No que se refere especificamente à relação entre psicotipologia e TR, identificaram-se indícios plausíveis de que a percepção de proximidade e distância atua, em algum grau, como uma variável que incide na forma como o acesso lexical acontece. Chama-se a atenção para o fato de que todos os modelos lineares de efeitos fixos (MLEF) – Tabelas 4, 5 e 6 – exibiram resultados gerais estatisticamente significativos, em que os valores do intercepto foram $p = .001$ em todos os casos. Com base nesses dados, argumenta-se que a psicotipologia é uma variável que não deve ser negligenciada nos estudos e no contexto de ensino de LE; ao contrário, deve ser compreendida como um indicador relevante do discernimento feito pelo aprendiz quanto à dificuldade ou facilidade de aprender um determinado aspecto linguístico (Kellerman, 1983). Os dados da pesquisa ainda contribuem para legitimar a percepção de que os insumos linguísticos (palavras e pseudopalavras) em inglês não ativaram apenas a língua-alvo testada, mas mobilizaram todo o repertório linguístico dos participantes (Wang, 2020), de modo a ratificar a hipótese de acesso lexical não seletivo. Nesse sentido, pode-se sugerir que tanto o PB quanto o ALE não permaneceram "adormecidos" ou "desligados", durante a realização da tarefa (Boudelaa, 2018; Moon; Jiang, 2012).

No que se refere ao impacto das percepções psicotipológicas nos TR, percebe-se que o pareamento PB-ALE apresentou o maior valor de R2 (R2 múltiplo = 0.083, R2 ajustado = 0.081). Em outras palavras, entre as estimativas de percepção psicotipológica, esse par revelou-se mais relevante durante a execução da TDL do que PB-ING (R2 múltiplo = 0.06, R2 ajustado = 0.054) e ALE-ING (R2 múltiplo = 0.0652, R2 ajustado = 0.0631). Esses dados sugerem um padrão em que os modelos baseados na combinação PB-ALE-ING foram os que mais impactaram o desempenho dos participantes na TR. Em contrapartida, o estudo estatístico aponta que os demais modelos exerceram influência menos expressiva no acesso lexical dos multilíngues que participaram do experimento. Essa constatação permite inferir que as percepções de proximidade e de distância nos níveis fonológico e gramatical mostraram-se mais relevantes no acesso lexical do que o aspecto ortográfico nos pareamentos PB-ING e ALE-ING. Esse achado sugere que os multilíngues estavam mais suscetíveis às suas percepções quanto à pronúncia e à gramática do que aos padrões ortográficos. É possível que os elementos ortográficos tenham se revelado menos salientes em função da própria natureza da TDL, que exigia atenção concentrada na identificação rápida e acurada de palavras e pseudopalavras apresentadas visualmente na tela do computador.

Faz-se importante ressaltar que a percepção psicotipológica demonstrada pelos multilíngues mostrou-se congruente com a tipologia linguística das línguas envolvidas no estudo. Observou-se, de modo geral, que os participantes expressaram um entendimento de proximidade e de distância alinhado aos critérios objetivos de parentesco entre as línguas, o que evidencia um nível

razoável de consciência metalinguística. Essas especulações fundamentadas (Odlin, 1989) feitas pelos multilíngues podem ser reflexo de seus níveis de proficiência, o que aponta para a capacidade de avaliar e categorizar as relações estruturais das línguas de seus repertórios com certo grau de precisão. Esse resultado torna-se importante porque dialoga com a concepção de psicotipologia de Ecke (2014) em vez da clássica teoria de Kellerman (1983). Assim, percebe-se que a análise dos participantes foi baseada em aspectos específicos (fonologia e gramática), contrastando com a proposta holística que está centrada em fatores de cunho mais subjetivo e intuitivo. À luz dos dados psicométricos discutidos e analisados, depreende-se que há razões para acreditar que a psicotipologia é uma variável que desempenha um papel significativo no acesso lexical multilíngue.

Conclusão

Neste trabalho, buscou-se evidenciar o papel da psicotipologia como uma variável relevante a ser considerada na elaboração de experimentos voltados ao acesso lexical com multilíngues. Defende-se que compreender a percepção psicotipológica quanto às similaridades e diferenças entre línguas pode ser uma ferramenta para a adaptação do ensino de LE às necessidades e às expectativas dos aprendizes. Acredita-se que identificar e explorar as percepções de proximidade e de distância (congruentes e incongruentes) com a tipologia linguística pode minimizar possíveis dificuldades ao aliar estratégias pedagógicas adequadas ao contexto de ensino-aprendizagem. Cabe enfatizar que, embora os resultados indiquem a influência da percepção psicotipológica no acesso lexical dos multilíngues, não se pode descartar a possível atuação da tipologia linguística. Essa ponderação justifica-se na congruência entre tipologia e psicotipologia observada nas respostas dos participantes. Nesse sentido, não é possível dissociar completamente os efeitos de ambas as variáveis, sugerindo uma atuação convergente no processamento lexical.

Corrobora-se a concepção compartilhada por Finger, Brentano e Fontes (2018), quando as autoras afirmam que ter conhecimento dos processos inerentes à aquisição de LE é essencial para o trabalho docente. Neste contexto, a Psicolinguística oferece subsídios teóricos e empíricos que favorecem práticas pedagógicas mais autônomas, críticas e eficazes, baseadas em evidências e não em mitos ou modismos. Investigações voltadas ao acesso lexical têm o potencial para ampliar o entendimento de quais são os desafios que multilíngues enfrentam durante o processo de aquisição de um novo vocabulário.

Como última consideração, cabe chamar a atenção para uma outra implicação deste trabalho, a CLI como um recurso linguístico (Mauranen, 2012; Ortega, 2014), que não deve ser estigmatizado nem visto como evidência do insucesso dos aprendizes de LE. Julga-se que os resultados observados contribuem, de alguma forma, para reforçar o entendimento de que o surgimento de CLI é inerente ao fenômeno bilíngue/multilíngue e que deve ser tido como uma vantagem comunicativa. Percebe-se a CLI como uma ferramenta que,

potencialmente, leva ao aprimoramento das habilidades comunicativas de falantes de múltiplas línguas (Yan; Zhao; Mai, 2023). Portanto, não deve ser interpretada como um aspecto negativo que deve ser evitado a qualquer custo durante o processo de aquisição de uma LE.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS: Dados disponíveis mediante contato com autores.

Referências

ALTENBERG, E.; CAIRNS, H. The effects of phonotactic constraints on lexical processing in bilingual and monolingual subjects. **Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior**, v. 22, n. 2, p. 174–188, 1983.

ARONIN, L.; JESSNER, U. Understanding current multilingualism: what can the butterfly tell us? *In*: JESSNER, U.; KRAMSCH, C. (Eds.). **The multilingual challenge: cross-disciplinary perspectives**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. p. 271–291.

BARDEL, C.; LINDQVIST, C. The role of proficiency and psychotypology in lexical cross-linguistic influence. A study of a multilingual learner of Italian L3. *In:* **Atti del VI congresso di studi dell'associazione italiana di linguistica applicata**. 2007. p. 123-145.

BLANK, C. A.; LLAMA, R. Processamento de priming grafo-fônico-fonológico em multilíngues em imersão versus contexto acadêmico. **Gradus - Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório**, v. 1, n. 1, p. 177–194, 2016.

BLOOMFIELD, L. Speech communities. *In*: BLOOMFIELD, L. **Language**. Chicago: University of Chicago Press, 1933. p. 42–57.

BÖLTE, J. Graded lexical activation by pseudowords in cross-modal semantic priming: Spreading of activation, backward priming, or repair? **Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society**, v. 23, n. 23, p. 1–6, 2001.

BOUDELAA, S. Non-selective lexical access in late Arabic–English bilinguals: Evidence from Gating. **Journal of Psycholinguistic Research**, v. 47, n. 4, p. 913–930, 2018.

CENOZ, J. The Effect of Linguistic Distance, L2 Status and Age on Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition. *In*: CENOZ, J.; HUFEISEN, B.; JESSNER, U. (Eds.). **Cross-Linguistic Influence in Third Language Acquisition**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001. p. 8–20.

COOK, V. Multi-competence. *In:* CHAPELLE, C. (Ed.). The encyclopedia of applied linguistics. New York: Wiley-Blackwell, 2012. p. 3768–3774.

COOK, V. Premises of multi-competence. *In:* COOK, V.; WEI, L. (Eds.). The Cambridge handbook of linguistic multi-competence. London: Cambridge University Press, 2016. p. 1–25.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English (COCA)**. 2008–. Disponível em: https://www.english-corpora.org/coca/. Acesso em: 11 ago. 2023.

DE BOT, K. Multi-competence and dynamic/complex systems. *In*: COOK, V.; LI, W. (Eds.). **The Cambridge handbook of linguistic multi-competence**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 125–141.

DIEPENDAELE, K.; BRYSBAERT, M.; NERI, P. How noisy is lexical decision? **Frontiers in Psychology**, v. 3, n. 1, p. 1–9, 2012.

DIRANI, J.; PYLKÄNEN, L. The time course of cross-modal representations of conceptual categories. **NeuroImage**, v. 277, n. 15, p. 1-13, 2023.

ECKE, P. Parasitic vocabulary acquisition, cross-linguistic influence, and lexical retrieval in multilinguals. **Bilingualism**: Language and Cognition, v. 18, n. 2, p. 145–162, 2014.

FARACO, C. A. História da nossa disciplina. *In:* FARACO, C. A. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2006. p. 128–206.

FESTMAN, J. "Multilingual brains" Individual differences in multilinguals – a neuro-psycholinguistic perspective. *In:* BRAUNMÜLLER, K.; GABRIEL, C. (Eds.). **Multilingual Individuals and Multilingual Societies**. Amsterdam: Benjamins, 2012. p. 207–220.

FESTMAN, J. The Psycholinguistics of Multilingualism. *In:* ARONIN, L.; SINGLETON, D. (Eds.). **Twelve lectures on multilingualism**. Bristol: Multilingual Matters, 2019. p. 233–270.

FIELD, J. Introduction: Key concepts in Psycholinguistics. *In*: FIELD, J. **Psycholinguistics: A resource book for students**. London: Routledge, 2004. p. 01-46.

FINGER, I.; BRENTANO, L.; FONTES, A. Neurociências, psicolinguística e aprendizagem de línguas adicionais: Um diálogo necessário no contexto da educação do século 21. In: MAIA, M. (Org.). **Psicolinguística e Educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 197–220.

FOURRIER, C.; MONTARIOL, S. Caveats of Measuring Semantic Change of Cognates and Borrowings using Multilingual Word Embeddings. **Proceedings of the 3rd Workshop on Computational Approaches to Historical Language Change**, v. 10, n. 1, p. 97–112, 2022.

GROSJEAN, F. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 6, n. 6, p. 467–477, 1985.

HALL, C. et al. Learners' Implicit Assumptions About Syntactic Frames in New L3 Words: The Role of Cognates, Typological Proximity, and L2 Status. **Language Learning**, v. 59, n. 1, p. 153–202, 2009.

HAMMARBERG, B. The languages of the multilingual: Some conceptual and terminological issues. I**RAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 48, n. 2, p. 91-104, 2010.

KACHRU, Y. Monolingual Bias in SLA Research. **TESOL Quarterly**, v. 28, n. 4, p. 795–800, 1994.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't. *In:* GASS, S.; SELINKER, L. (Eds.). **Language transfer in language learning**. Rowley: Newbury House Publishers, 1983. p. 112–134.

KELLERMAN, E. Towards a characterization of the strategy of transfer in second language learning. **Interlanguage studies bulletin**, v. 2, n. 1, p. 58–145, 1977.

KELLERMAN, E. Transfer and Non-Transfer: Where We Are Now. **Studies in Second Language Acquisition**, v. 2, n. 1, p. 37–57, 1979.

LAURENCE, P. et al. Can a lexical decision task predict efficiency in the judgment of ambiguous sentences? **Psicologia**: Reflexão e Crítica, v. 31, n. 13, p. 1–10, 2018.

LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. LexPorBR. Disponível em: https://lexicodoportugues.com. Acesso em: 11 ago. 2023.

LIBBEN, G. Disorders of Lexis. *In:* STEMMER, B.; WHITAKER, H. (Eds.). **Handbook of the Neuroscience of Language**. London: Academic Press, 2008. p. 147–154.

LINDQVIST, C. Do learners transfer from the language they perceive as most closely related to the L3? The role of psychotypology for lexical and grammatical crosslinguistic influence in French L3. *In*: DE ANGELIS, G.; JESSNER, U.; KRESI, M. (Eds.). **Crosslinguistic Influence and Crosslinguistic Interaction in Multilingual Language Learning**. London: Bloomsbury Academic, 2015. p. 231–251.

MAURANEN, A. Introduction. *In*: MAURANEN, A. **Exploring ELF: academic English shaped by non-native speakers.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 01-11.

MAY, S. Disciplinary divides, knowledge construction, and the multilingual turn. *In*: MAY, S. (Ed.). **The multilingual turn: implications for SLA, TESOL, and bilingual education**. London: Routledge, 2014. p. 07-31.

MCARTHUR, T. Multilingualism. *In*: MCARTHUR, T. **The Oxford companion to the English language**. New York: Oxford University Press, 1992. p. 673.

MEYER, D.; SCHVANEVELDT, R. Facilitation in recognition pair of words: Evidence of difference between retrial operations. **Journal of experimental psychology**, v. 90, n. 2, p. 227-234, 1971.

MOON, J.; JIANG, N. Non-selective lexical access in different-script bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 15, n. 1, p. 173–180, 2011.

NEW, B. *et al*. UniPseudo: A universal pseudoword generator. **Quarterly Journal of Experimental Psychology**, v. 1, n. 1, p. 1–9, 2023.

ODLIN, T. Nonstructural factors in transfer. *In*: ODLIN, T. **Language transfer: Cross-linguistic influence in language learning**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1989. p. 129–150.

OGANIAN, Y. et al. Slower Perception Followed by Faster Lexical Decision in Longer Words: A Diffusion Model Analysis. **Frontiers in Psychology**, v. 6, n. 2, p. 1–12, 2016.

ORCASITAS-VICANDI, M. Lexical crosslinguistic influence in Basque-Spanish bilinguals' English (L3) writing. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism**, v. 25, n. 2, p. 491–501, 2019.

ORTEGA, L. Ways Forward for a Bi/multilingual Turn in SLA. *In*: MAY, S. (Ed.). **The multilingual turn implications for SLA, TESOL, and bilingual education**. London: Routledge, 2014. p. 32–53.

PEETERS, D.; DIJKSTRA, T.; GRAINGER, J. The representation and processing of identical cognates by late bilinguals: RT and ERP effects. **Journal of Memory and Language**, v. 68, n. 4, p. 315–332, 2013.

PROCTOR, C.; MO, E. The Relationship Between Cognate Awareness and English Comprehension Among Spanish-English Bilingual Fourth Grade Students. **TESOL Quarterly,** v. 43, n. 1, p. 126–136, 2009.

RINGBOM, H. Different Types of Cross-linguistic Similarities. *In:* RINGBOM, H. Cross-linguistic similarity in foreign language learning. Clevedon England; Buffalo: Multilingual Matters, 2007. p. 05–09.

SAMPIERI, R.; COLLADO, C.; LUCIO, M. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre, 2013.

SÁNCHEZ, L.; BARDEL, C. Cognitive factors, linguistic perceptions and transfer in third language learning. **Revue française de linguistique appliquée**, v. 21, n. 2, p. 123–138, 2016.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I.; FONTES, A. Fatores de experiência linguística associados à proficiência autoavaliada por usuários de inglês como língua adicional. **Revista Letrônica**, v. 10, n. 2, p. 689-699, 2017.

SHARWOOD SMITH, M.; KELLERMAN, E. Crosslinguistic influence in second language acquisition: an introduction. *In:* KELLERMAN, E.; SHARWOOD SMITH, M. (Eds.). **Crosslinguistic influence in second language acquisition**. New York: Pergamon Institute of English, 1986. p. 01–09.

SZUBKO-SITAREK, W. Cognate facilitation effects in trilingual word recognition. **Studies in Second Language Learning and Teaching**, v. 1, n. 2, p. 189–208, 2011.

TAFT, M. Cognitive Mechanisms for Lexical Access. **The Quarterly Journal of Experimental Psychology**, v. 57, n. 4, p. 51-65, 2013.

WANG, X. Language selective or non-selective in bilingual lexical access? It depends on lexical tones! **PLoS ONE**, v. 15, n. 3, p. 01-23, 2020.

YAN, S.; ZHAO, Y.; MAI, Z. Positive cross-linguistic influence in the representation and processing of sentence-final particle le by L2 and heritage learners of Chinese. **Frontiers in Psychology**, v. 14, n. 1, p. 1–15, 2023.

Data de submissão: 21/02/2025
Data de aceite: 08/11/2026
Editora: Roberta Pires de Oliveira